

OS SERTÕES E A IMAGEM DO MUNDO: PORTUGAL, ÁFRICA E BRASIL ENTRE OS SÉCULOS XV E XVIII

André Ricardo Heráclio do Rego (MRE/USP)

heracliodorego@yahoo.com.br

O objetivo desta proposta de simpósio é reunir trabalhos sobre as representações e imagens do sertão nos países em que se fez notar a influência e a presença portuguesas no período histórico que vai do século XV ao século XVIII. Trata-se aqui sobretudo da presença portuguesa nas Américas e na África. Pretende-se verificar, em uma perspectiva comparada, a evolução da representação e da imagem que as terras consideradas como 'sertão' foram tendo no decorrer do percurso histórico do Império Português. Nesse contexto, conhecer, ocupar e integrar os sertões são elementos intrínsecos de um projeto de construção da nacionalidade no Brasil e de afirmação imperial na África portuguesa. Conquanto não se possa realizar uma caracterização geográfica exata do sertão, pois este não é passível de ser localizado com precisão, o objetivo desta proposta de simpósio é verificar a evolução da representação do conceito, suas características, suas atribuições, suas condicionantes, sua abrangência temporal e espacial. Propomos a discussão de algumas percepções e teorias, como aquela segundo a qual o sertão pode ser concebido como um espaço para expansão, como objeto de um movimento expansionista que busca incorporar aquele espaço; por isso, o termo sertão é utilizado na caracterização de áreas de soberania incerta, imprecisa ou meramente formal, como no caso do Brasil colonial e da África portuguesa. O sertão é assim parte do imaginário da conquista territorial, um conceito que ao classificar uma localização opera uma apropriação simbólica do lugar, densa de juízos valorativos que apontam para a sua transformação. À época da Independência, dois quintos do território eram ocupados efetivamente, os outros três quintos seriam território a explorar e ocupar, fundos territoriais, o sertão. Por outro lado, o sertão seria um 'lugar' ocupado por povos diferentes, exóticos, a morada dos Outros, cujos habitantes seriam cultural ou racialmente distintos, sendo identificados como saídos de uma outra época ou descendentes de uma outra origem: terra de tapuias, terra de cafres, terras ocupadas por indígenas ferozes. Nesse contexto, a cartografia exerceu um papel fundamental na criação e na consolidação dessas imagens e representações, sobretudo porque, nos mapas do período, haveria um silêncio, uma 'omissão' no que diz respeito à singularidade da paisagem, obliterada por estereótipos motivados, entre outros, pela ignorância e pela falta de conhecimento: diante dos espaços vazios nos mapas, os cartógrafos e ilustradores começaram a preenchê-los com imagens familiares, geralmente estereotipadas. Essas imagens poderiam ser fruto também da predominância de valores europeus na cartografia da época, da transposição inconsciente de valores europeus e suas preferências. Os mapas, desse modo, muitas vezes preferiam deixar espaços em branco a contemplar a geografia indígena, sob a justificativa de que seria melhor evitar mapear o que não podia ser verificado. Tratar-se-ia, também, de uma forma de justificar as doutrinas da terra nullius e do *vacuum domicilium*. Mas, nem por isso, deve-se desconsiderar a importância da geografia indígena na construção dos mapas; sem a informação por ela fornecida, essa cartografia dos sertões seria ainda mais difícil de fazer. Os cartógrafos,

assim, ajudaram a criar, a instituir o sertão, ao contrapor áreas urbanizadas, europeizadas, ocupadas, a áreas vazias, desconhecidas, em que de certa forma se negava a presença legítima dos indígenas, sob a alegação de falta de conhecimento daquelas regiões. Este é, resumidamente, o objetivo do simpósio: acompanhar a evolução histórica e simbólica deste conceito, tão rico em matizes, procurando entrever e perceber, nos mapas, nas crônicas coloniais, nos relatos de viagem, nos documentos oficiais produzidos pelos órgãos governamentais, as coincidências e as divergências, as aproximações e os estranhamentos, entre as variadas percepções dos diversos atores envolvidos. Trata-se, por outra, de procurar verificar como se percebia o Outro nesse ‘confronto’ entre litoral e sertão, entre civilização e barbárie, mas também entre o que seria, nas palavras de Frei Vicente do Salvador, essa “civilização de caranguejos” das costas e o que seria, segundo Euclides da Cunha, a “rocha viva” da nacionalidade, no interior.